

# **ESPERANÇA E UTOPIA, CONTINUIDADE OU ABANDONO: ESCOLHAS DOS SUJEITOS ESTUDANTES DA EJA NO QUE IMPLICA SUAS TRAJETÓRIAS EDUCATIVAS**

Juliana Silva dos Santos<sup>1</sup> - PUCRS

## **RESUMO**

O presente artigo, objetiva apresentar o projeto de tese de doutorado que visa estudar os fatores que corroboram na escolha pela continuidade/abandono da escola nas suas trajetórias educativas, visando trazer as vozes dos sujeitos envolvidos. Essa pesquisa se dará em duas escolas, uma municipal e outra estadual, ambas do município de Porto Alegre/RS, e envolverá alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, média de idade entre 15 e 30 anos. A pesquisa buscará responder o seguinte problema de pesquisa: Quais são os significados atribuídos pelos sujeitos estudantes da EJA no que concernem, as decisões relacionadas com suas trajetórias educativas, em situações de abandono ou continuidade dos estudos? Os fatores pesquisados serão embasados a luz dos estudos teóricos de Pierre Bourdieu, Paul Willis, Paulo Freire, Miguel Arroyo, entre outros teóricos que darão o enlace teórico necessário no decorrer da tese e dos achados. Por se tratar de um projeto de tese ainda não se tem resultados, e sim perguntas que vão ao encontro das minhas inquietações e vivências enquanto docente da EJA e pesquisadora da modalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens e Adultos, esperança, trajetória educativa

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho apresenta a intenção de projeto de tese de doutoramento que abordará a temática da Educação de Jovens e Adultos, no que concerne aos fatores que corroboram para a continuidade/abandono da escola nas suas trajetórias educativas. Trata-se de um projeto que visa escutar os sujeitos estudantes frequentadores da EJA no intuito de visibilizar e compreender as questões que influenciam esses jovens e adultos nas suas escolhas. Faz-se necessário escutar para conhecer, e ao disponibilizarmos conhecer as razões desses sujeitos, compreender para então buscar uma possível mudança de atitude dentro do espaço educativo escolar.

---

<sup>1</sup> Doutoranda da PUCRS e bolsista CAPES/PROEX. Mestra em Educação pela UFRGS e professora da Rede Municipal de Porto Alegre. Email: [jusantosbr@hotmail.com](mailto:jusantosbr@hotmail.com)

A escola, outrora era considerada um espaço de esperança por uma vida melhor pela sociedade no geral, na atualidade a escola, para alguns sujeitos estudantes, vem perdendo esse espaço de redenção e esperança e tornando-se apenas um espaço de convivência social entre amigos. Não que ela não seja um espaço de convivência social, mas à escola também cabe ser um espaço de transformação, educação e de esperança e utopia no que tange aos sonhos de muitos jovens e adultos que estão na escola em busca de um tempo perdido, de uma certificação e de aprendizagens. (CARRANO, 2011)

A EJA da atualidade, não é mais a dos anos 70 e 80, espaço privilegiado pelos projetos e campanhas de alfabetização, que preconizava sujeitos adultos, idosos e até mesmo alguns jovens que se aventuravam a desvendar o alfabeto na esperança de aprender a ler e escrever, para ter outra oportunidade na vida e no trabalho.

Hoje, há adultos, sujeitos estudantes na alfabetização, mas também há outro fenômeno que é a grande diferença de idade e de vivências que são muito pertinentes a essa modalidade, assim ao referir-me a esses “alunos”, prefiro denominá-los de sujeitos estudantes. Embora saibamos que a escola favoreça essa heterogeneidade em todas as modalidades, nos sujeitos da EJA, especificamente, essa diversidade etária bem como questões étnica, racial, socioeconômica, espacial, cultural e de gênero, são fatores que significativamente influenciam nessa modalidade.

Sujeitos, tão heterogêneos e em busca de tantos sonhos que para Arroyo (2014) formam um coletivo na diversidade e que esses sujeitos, educandos trazem consigo para as escolas, “aprendizagens das vivências cruéis de subalternização”. Para tanto, pode-se inferir que embora tenhamos pessoas muito jovens na EJA, temos também pessoas que trazem suas marcas históricas e, portanto, podem ser descritos como sujeitos estudantes, pois:

São eles, os novos/velhos atores sociais em cena. Estavam em cena, mas se mostram como atores em público, com maior ou novo destaque. Seu perfil é diverso, trabalhadores, camponeses, mulheres, negros, povos indígenas, jovens, sem teto, sem creche... Sujeitos coletivos históricos se mexendo, incomodando, resistindo. Em movimento. Articulados em lutas comuns ou tão próximas por reforma agrária, urbana, educativa. (ARROYO, 2014, p.26)

Sujeitos esses que inquietam professores, vozes que contam suas histórias, falam de suas lutas e sonhos e me motivam a querer buscar mais, a visitar conceitos e a procurar outras respostas diante de antigos problemas. O que percebo ao longo dos anos trabalhando com esses sujeitos estudantes da EJA, é que muitos dos colegas professores encontram-se fechados em conceitos já produzidos e cristalizados, meritocráticos, em relação a essas pessoas e suas expectativas.

Como esse olhar não converge com as minhas percepções diante esses mesmos estudantes, torna-se evidente uma cultura pedagógica entre alguns gestores e professores o que ainda prevalece é o ideal do mérito. Assim, essa idealização para Arroyo (2014, p.41) “está tão arraigado que termina operando diante dos fracassos como mecanismo de confirmação da sua condição de marginais porque preguiçoso, sem valores de esforço”. Tendo em vista, em parte essa perspectiva da teoria da reprodução, nesse estudo, busco trazer as vozes, que embora esboçam uma heterogeneidade intrigante em seus aspectos sociais, comportamentais e cognitivos, isto, contraditoriamente, pode ser o motivo de desencantamento pela EJA, entretanto para mim é o fio condutor a novos olhares e outras possibilidades de ações.

## **VISUALIZANDO AS INTENÇÕES...**

Pretendemos no decorrer da pesquisa de doutorado, ouvir e tentar compreender nesses sujeitos estudantes da EJA o que pode influenciar/interferir nas escolhas desses jovens e adultos em suas trajetórias<sup>2</sup> educativas, não somente no sentido de percurso escolar, mas no sentido de continuidade na sua formação ao longo da vida.

Procurro investigar assim, os fatores que fazem com que esses jovens e adultos de todas as idades frequentem as salas de aula em dias frios ou muito quentes, alguns vivendo situações de risco, outros depois de uma intensa jornada de trabalho, e outros apenas depois de um dia cheio de horas, mas vazio de ações a fazer.

Pressuponho que esses sujeitos vem para a escola, talvez inconscientemente, buscando uma educação da esperança, que para Freire ( 1992, p.11) “sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e se torna desesperança que , às vezes, se alonga em trágico desespero”. Assim, esses sujeitos, dentro da sua existência individual bem como coletiva, buscam na escola, na prática educadora de alguns educadores, algo que lhes dê forças para ancorar, projetar e não apenas ingenuamente esperar por mudanças.

Esse trabalho talvez venha corroborar com pesquisas acadêmicas e ser fonte para algumas perspectivas de mudanças na prática cotidiana escolar na EJA, enquanto espaço que

---

<sup>2</sup> Por trajetória entendo como inferido por Bourdieu, a vida como um conjunto cronológico, de certa forma coerente e orientada, e ao contarmos nossa vida, nosso relato autobiográfico, nosso caminho percorrido, buscamos “pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consciência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis” (BOURDIEU, 1986, p.75).

deve propiciar prática para tornar a esperança desses sujeitos em concretude histórica (FREIRE, 1992). Posto que, esse estudo também visa fortalecer o conceito de aprendizagem e formação ao longo da vida e assumir que esses sujeitos estudantes carecem de um sistema de atendimento apropriado e de que se faz importante escutar seus anseios e desejos, para melhor compreendê-los.

Refiro-me a atendimento apropriado, pois a modalidade EJA, possui muitas carências políticas de atendimento intersetorial, tanto em demandas físicas, de estrutura escolar como recursos humanos (assistência social, psicológica). Bem como demandas de auxílio para trabalharmos com as especificações comportamentais e cognitivas de alguns alunos, sendo que esta modalidade visa à inclusão social. E por fim, demandas sociais de sustentabilidade desses alunos na escola, tais como: programas de auxílio transporte, carga horária flexível no trabalho e na escola, custeio de material didático, entre outras.

O fato que me levou a questionar esses fatores que influenciam no abandono/continuidade no percurso escolar de sujeitos estudantes da EJA nos bairros Lomba do Pinheiro e Agronomia, em Porto Alegre/RS é primeiramente o fator oferta de vagas existentes nessa zona da cidade.

O quadro de oferta de escolas nos dois bairros é o seguinte: Bairro Lomba do Pinheiro, conta hoje com quatro escolas municipais que atendem o Ensino Fundamental e a EJA, sendo a EJA ofertada apenas no turno noturno. Na rede estadual, conta com oito escolas de Ensino Fundamental, sendo duas dessas indígenas, também possui uma escola de Ensino Médio. Dessas escolas da Lomba do Pinheiro apenas as duas escolas indígenas oferecem EJA no Ensino Fundamental e para público restrito. O Bairro Agronomia possui quatro escolas na rede estadual de Ensino Fundamental e uma de Ensino Médio, sendo que duas oferecem EJA no Ensino Fundamental e uma escola oferece EJA no Ensino Médio. O Bairro Agronomia também conta com o Colégio de Aplicação, mas por ser uma escola federal e as vagas serem oferecidas mediante sorteio, muitos dos jovens e crianças da localidade não tem acesso a matrícula nessa escola.

Ao totalizarmos a oferta de opções para o Ensino Fundamental, no ensino regular em ambos os bairros, unindo redes municipal e estadual, seria o total de **dezessete instituições e apenas duas** de Ensino Médio.

A partir desse quadro geral, trago a oferta de opções para sujeitos estudantes da EJA. A rede municipal oferece na Lomba do Pinheiro quatro escolas de Ensino Fundamental, a rede estadual oferece as duas escolas indígenas, com público restrito. Agronomia oferta EJA em duas escolas de Ensino Fundamental, sendo uma prisional. Assim, temos no total, **oito**

**escolas que ofertam a modalidade de EJA - EF** e para todo esse montante de alunos que se formam semestralmente, além dos oriundos do turno regular, os dois bairros oferecem apenas duas escolas de Ensino Médio noturno, sendo que **apenas uma escola, na Agronomia, oferece EJA - EM noturno**. Os números sinalizam que a oferta de vagas para o Ensino Médio, nesses bairros tem problemas e este fato já se constitui por si só numa desesperança no que concerne à continuidade.

A pesquisa abordará um grupo de sujeitos estudantes da EJA, período noturno, oriundo de uma escola municipal de Ensino Fundamental que atende majoritariamente jovens, pertencentes à região leste de Porto Alegre, no Bairro Lomba do Pinheiro, com idade média entre 15 e 30 anos. E, outro grupo constituir-se-á de sujeitos estudantes de uma escola estadual que oferece EJA no Ensino Médio, no período noturno, situada no Bairro Agronomia, buscando-se considerar como elemento de estudo a continuidade ou abandono dos estudos.

Ao longo das décadas a caracterização quanto à idade na modalidade EJA alterou significativamente, visto que a maioria dos frequentadores da EJA é jovem, deve-se por em análise a continuidade nos estudos, como perspectiva de planejamento de futuro na vida dos jovens de classes populares que por razões econômicas, sociais, políticas e cognitivas encontram-se na modalidade EJA. (CARRANO, 2011)

Sob esse aspecto, há de se considerar uma diversificada gama de fatores no que concerne à realidade da EJA e dos jovens e adultos que a frequentam. Sendo que esses aspectos observados quanto aos sujeitos estudantes bem como as políticas públicas voltadas a essa modalidade, podem influenciar e interferir ativamente na continuidade nos estudos para outros níveis, bem como perpetuar e garantir a permanência de alunos no mesmo nível de ensino por muitos anos seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio.

Nesse sentido, ao buscar responder o seguinte problema de pesquisa: Quais são os significados atribuídos pelos sujeitos estudantes da EJA no que concernem, as decisões relacionadas com suas trajetórias educativas, em situações de abandono ou continuidade dos estudos? Agrega-se a essa questão, outras indagações, as quais merecem atenção, tais como: o imaginário imposto que a finalização dos estudos, na visão dos sujeitos estudantes de EJA, influenciará diretamente no acesso ou na promoção de um emprego; o discurso sobre as políticas educativas em relação à obrigatoriedade dos estudos; a perspectiva de tempo que tem os sujeitos jovens da EJA e sua relação ao planejamento de futuro e continuidade/abandono nos estudos; a significação para os sujeitos estudantes da EJA de continuidade/abandono nos

estudos; e as possibilidades apontadas como alternativas de estudo e progressão na sua trajetória educativa.

O objetivo geral que orienta esse projeto de tese é apontar e analisar as perspectivas atribuídas pelos sujeitos estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos nas duas instituições, no que concernem as decisões relacionadas com suas trajetórias educativas, em situações de abandono ou continuidade dos estudos. E assim, verificar possibilidades de progressividade nos estudos tais como: na escola, no acesso ao mundo acadêmico, e/ou no mundo do trabalho, em cursos técnicos entre outras por vir.

Nesse sentido, na esperança de compreender um pouco os sujeitos da EJA, recupero e contribuo com as ideias de Freire em difundir a libertação do sujeito como um SER inconformado, inacabado, autônomo e crítico, que pode almejar sonhar e transformar toda a situação de opressão e injustiça, superando assim diversas situações desumanizadoras no seu cotidiano.

Em concordância com Freire sonhar o possível, reforça a natureza utópica do conceito, pois na sua tese “não pode existir um ser, que não esteja permanentemente preocupado com o vir a ser, portanto com o amanhã, sem sonhar. É inviável! Sonhar aí não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar.” (FREIRE, 2004, p.292)

Assim, esse projeto de tese busca dar visibilidade aos sonhos desses sujeitos que atendemos nas escolas, pois esse mesmo sujeito, o qual busca na escola, um novo sonho, um recomeço, ou outra possibilidade de continuar sua formação, possui “voz”, razões e utopias, portanto precisa ser ouvido.

## CONCLUSÃO

Ao concluir esse texto reitero a minha esperança nos sujeito social da **EJA**, isso porque minhas reflexões transcendem as intenções formais do meu projeto de tese, me coloco enquanto educadora da EJA, pesquisadora e estudante que busca através das minhas indagações conhecer para então, melhor compreender os sujeitos estudantes frequentadores da EJA. Acredito que o sujeito está em constante transformação, e sempre fui utópica em salientar que a escola, por mais que tenha muitos aspectos que precise mudar, ainda é um espaço privilegiado que pode tentar fazer a diferença.

Para Freire (1992, p.11) “não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira assim, espera vã.” Nesse sentido, busco através dos fatores que corroboram na trajetória educativa dos meus educandos, compreender que sonhos

são esses idealizados por eles, qual o sentido da escola e dos professores para essas pessoas, que encontramos todas as noites, e que muitos professores, não sabem sequer os nomes, quiçá suas histórias.

Esperança, não se finda na espera ingênua, no permanecer inerte as questões sociais e políticas que orientam as práticas da Educação de Adultos ao longo de décadas, esperança sozinha, para Freire não ganha a luta, mas aliada as práticas concretas, alimenta e impulsiona o querer transformar, conscientizar e humanizar nossos educandos.

O sujeito social que atendemos na escola pública, e o ponto de partida que devemos ter na educação, tanto na EJA como nas outras modalidades de ensino, é que nós professores, conscientes, deveríamos ter em mente que “não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo” (FREIRE, 1987, p.74). E, portanto, temos que nos ater a enxergar, dar voz e ouvir esses sujeitos, os quais têm muito a nos dizer sobre suas relações homens-mundo.

Relações essas, que muitos professores, por terem *habitus*<sup>3</sup> diferentes, concepções e leituras de mundos bem distantes das realidades da periferia, da educação popular, bem como da vida e da organização dos movimentos sociais, insistem em não querer ouvir, por conseguinte, não compreendem e não dialogam.

Nesse sentido, como projetar utopias e esperança nos alunos de EJA, sendo que o diálogo não existe, as percepções de mundo e de lutas são indiscutíveis, e os preconceitos de classe, de linguagem, de modos ainda são os mais relevantes e visíveis no cotidiano escolar.

Dessa forma, não pretendo mudar a escola com minha pesquisa de doutorado, pois sou consciente de que isso não se faz sozinha, não se faz somente através das pesquisas acadêmicas, como também não se transforma uma escola a partir das esperanças das alunas da Pedagogia ou dos educadores sociais, que muito auxiliam fora dos muros da escola.

Entretanto, tenho como intuito dar voz aos sujeitos frequentadores da EJA, para que a partir de suas histórias, seus ideais e suas utopias, eu, enquanto educadora possa abrir espaço, mesmo que lentamente, com uma pequena contribuição acadêmica, para recolocar a escola no seu devido lugar. Lugar esse, responsável não apenas pelos conhecimentos científicos, mas, sobretudo, por ser um espaço social, que possibilita outras relações, outras leituras para uma

---

<sup>3</sup> Para Bourdieu (2011, p.162), o *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis, e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, os espaços dos estilos de vida.

maior conscientização dos educandos, enquanto “homens seres de práxis no seu quefazer” cotidiano, no mundo. (FREIRE, 1987)

E sendo, portanto, nós, docentes, também seres inconclusos e inacabados, também podemos nos abrir para aprender com as trajetórias educativas dos nossos educandos, para tentarmos tornar a escola, cada vez mais um espaço de concretude histórica das esperanças projetadas desses sujeitos, que ainda procuram a nós, e a escola, por acreditarem que a transformação seja possível.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 9 ed. Campinas: Papirus, 1986.

\_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2 ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CARRANO, Paulo. **A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar**. In: Revista Educação. Santa Maria: jan./abr.2011,v.36,p.43-56.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.